

Os candidatos e a imprensa estrangeira

DURANTE as últimas décadas os políticos brasileiros, espontaneamente ou por conta dos regimes autoritários aqui instalados, tiveram pouco contato com a imprensa internacional. Agora, restabelecida a liberdade política e as eleições presidenciais, após trinta anos, repete-se entre nós o tradicional ritual seguido nas grandes democracias, das entrevistas coletivas dos candidatos com os jornalistas estrangeiros.

A ASSOCIAÇÃO dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira — Acie (no exterior é o Press Club), que no Brasil congrega 130 jornalistas de todos os países, já programou encontros com todos os candidatos. No mundo interdependente dos nossos dias seria desnecessário ressaltar a importância para o Brasil do bom relacionamento com as outras nações. Apenas alguns grupos xenófobos e radicais, felizmente minoritários, ainda insistem em manter e criar barreiras a esse necessário entendimento, em particular no campo econômico. Mais até do que a maioria dos países, somos dependentes de financiamentos e investimentos externos; de compradores para a crescente colocação de nossas exportações; de importações para ampliação do parque industrial; de tecnologia avançada para todos os fins, entre muitos outros itens de destaque. Sobretudo, sem falsos arroubos de soberania e independência — que absolutamente não estão em jogo —, precisamos da compreensão dos governantes e financistas internacionais para uma renegociação favorável da nossa dívida externa.

QUE aliado melhor poderíamos ter para promover o Brasil no exterior do que a imprensa internacional? Com representação atuante no País encontram-se os principais veículos de informação, entre os quais os jornais "The New York Times", "Le Monde", "Times",

"Financial Times", "Washington Post", "Yomiuri Shimbun", "Corriere Della Sera" e as agências Associated Press, France Press, Tass, Nova China, United Press, Deutsche Presse Agentur, Reuters; as revistas "Economist", "Newsweek", "Stern", "Business Week", "Paris Match" etc.

A SÉRIE de entrevistas da Acie com os presidencializáveis foi iniciada há dias com o ex-Governador Fernando Collor de Mello. Para uma presença recorde de cinquenta correspondentes, de trinta países, reunidos no auditório da Confederação Nacional do Comércio, no Rio, o candidato Collor, em seu "debut" internacional, conduziu-se com serenidade e firmeza. Sem deixar pergunta sem resposta, o ex-Governador foi incisivo em alguns assuntos relevantes no exterior. "Não pretendo dar calote nem declarar moratória", disse ele, para depois, com referência à informática, afirmar: "Reserva de mercado não cabe na minha cabeça. Não é capitalismo e não atende aos interesses nacionais."

NO princípio de julho, nos dias 3 e 4, também no Rio, os entrevistados serão o Senador Málio Covaş e o Deputado Roberto Freire. A seguir virão todos os outros, conforme roteiro programado, sem discriminação de qualquer ordem.

SEGUNDO parece, pelas viagens e contatos dos principais candidatos no estrangeiro, o relacionamento internacional começa, enfim, a ter a devida importância entre nós. Essas verdadeiras sabatinas dos candidatos à Presidência com os correspondentes — transcorridas no alto nível da primeira — são de vital interesse para melhoria da imagem do Brasil no exterior, para o programa de Governo do eventual vencedor, além de demonstrar saudável evolução dos nossos costumes políticos.